

**Educação: “terreno fértil” na resistência contra o capitalismo*****Education: a “fertile ground” for the resistance against capitalism***Dr. Marco Antônio Oliveira Lima<sup>1</sup>Dra. Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano<sup>2</sup>Ma. Tatiana Maria de Moura<sup>3</sup>Dra. Lucinéia Scremin Martins<sup>4</sup>

**RESUMO:** O capitalismo é o modo de produção que orienta a organização econômica e os processos sociopolíticos no presente. As sutilezas mercadológicas desse sistema o levam a reorganizar-se durante suas históricas crises estruturais. Apesar de ser difícil imaginar o seu fim, e em virtude do seu potencial destrutivo se começa a visualizar o colapso do planeta, (Fisher, 2020), por outro lado, é preciso ter esperança e organizar-se politicamente para resistir. Todo ato de resistência que objetive a sobrevivência do planeta precisa ser anticapitalista (Fraser, 2024). Identifica-se no legado dos povos originários, a partir de Kopenawa e Albert (2015) e de Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022), formas de interação entre os humanos e a natureza que se materializam na antítese do capitalismo. O planeta é incapaz de suportar o nível de consumo ao qual o capitalismo apresenta. Pela educação, contrária aos resquícios do pedagogismo colonial, (Freire, 1978), e que seja oposição a formação para o mercado, (Souza, 2024), identificam-se possibilidades emancipatórias de ensino-aprendizagem que tensionem a contraditória relação entre os humanos e a natureza. Tal perspectiva, que é crítica ao *status quo*, apresenta-se propícia ao debate anticapitalista em aula para que as/os estudantes compreendam que o capitalismo precisa ser superado. O planeta só será preservado caso a relação entre os humanos e a natureza não seja orientada pelo capital (Krenak, 2019). Os conhecimentos dos povos originários, acerca do trato com a natureza, ao serem ministrados são saberes para a vida e não para a extinção/aniquilamento (Krenak, 2022).

**PALAVRAS-CHAVE:** Anticapitalismo; Natureza; Povos Originários; Educação; Saberes Para Vida.

**ABSTRACT:** *Capitalism is the mode of production that guides economic organization and sociopolitical processes today. The market subtleties of this system lead it to reorganize itself during its historical structural crises. Although it is difficult to imagine its end, and due to its destructive potential, one begins to visualize the collapse of the planet (Fisher, 2020), on the other hand, it is necessary to have hope and organize politically to resist. Every act of*

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Católica de Goiás, PUC GOIÁS, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil.

<sup>3</sup> Doutoranda em Performances Culturais e Mestra em História pela Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil. pela UFG.

<sup>4</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil.

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

*resistance aimed at the survival of the planet must be anticapitalist (Fraser, 2024). Within the legacy of native peoples, drawing from Kopenawa and Albert (2015) and Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022), identify forms of interaction between humans and nature that materialize as the antithesis of capitalism. The planet is incapable of sustaining the level of consumption that capitalism promotes. Through education, opposed to the remnants of colonial pedagogism (Freire, 1978), and that stands in opposition to market-oriented training (Souza, 2024), identify emancipatory possibilities for teaching and learning that challenge the contradictory relationship between humans and nature. This perspective, which is critical of the status quo, presents itself as conducive to anticapitalist debate in the classroom so that students understand that capitalism must be overcome. The planet will only be preserved if the relationship between humans and nature is not guided by capital (Krenak, 2019). The knowledge of native peoples regarding the treatment of nature, when taught, constitutes knowledge for life and not for extinction/annihilation (Krenak, 2022).*

**KEYWORDS:** *Anticapitalism; Nature; Native Peoples; Education; Knowledge For Life.*

## INTRODUÇÃO

A história, sobretudo no contexto do presente, tem comprovado que a arquitetura consumista à qual o modo de produção capitalista se estrutura e se organiza tem sido imensamente danosa e catastrófica para as diversas formas de vida, humanas e não humanas, no planeta.

Ante a este diagnóstico, recorrendo-se a Fisher (2020), em sua obra *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*, especificamente quando o autor opta por parafrasear Fredric Jameson e Slavoj Žižek, tem-se a impressão de que está mais próximo de visualizar o fim da natureza, de toda a diversidade de vidas que compõem o planeta, enfim, a completa aniquilação do mundo, haja vista o alto nível de periculosidade destrutiva do capital, do que enxergar em um horizonte futuro o fim do modo de produção capitalista.

Todavia, ainda que concordando com Fisher (2020), opta-se no presente texto por assumir uma posição de resistência contra o capitalismo, sem cair em uma espécie de militância ingênua que incorreria no risco de menosprezar o poder do capital de se rearticular mediante as crises às quais o seu contraditório núcleo econômico, político, ideológico, sociológico, consumista, armamentista, etc., é capaz de gerar.

Sob a ótica da resistência, que permite constituir sinais de esperança, acredita-se que se faz preciso elaborar sólidas críticas ao capitalismo, tendo em vista fundamentar, orientar e

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

direcionar prováveis ações, no presente e no futuro, que possam surgir como antíteses a esse sistema com o objetivo de somar esforços rumo a sua completa derrocada.

Para tanto, concorda-se com Fraser (2024), que o capitalismo tem absorvido, consumido, devorado e destruído os recursos naturais por meio de uma velocidade intensa e voraz cujo processo pode ser metaforicamente comparado a um ato canibalista, ao qual permite denominar o referido modo de produção de capitalismo canibal (Fraser, 2024).

Em virtude dessa sombria, e ainda, destrutiva alcunha que representa gramaticalmente os males do capitalismo, Fraser (2024) destaca que ações que visem resgatar o planeta da destruição devem ser prioritariamente anticapitalistas. Assim, no presente texto compreende-se por ações anticapitalistas tanto as iniciativas engajadas dos diferentes movimentos sociais politicamente posicionados à esquerda nos campos das lutas de classe, de gênero, de sexualidade e étnico-raciais quanto os movimentos ligados aos chamados povos originários indígenas, aos povos quilombolas, etc.

A partir deste ponto de vista, sobretudo por meio das reflexões de Kopenawa e Albert (2015) e de Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022) destaca-se e também se reconhece que os conhecimentos criados pelos povos originários, e dentre eles os que dizem respeito a relação entre a humanidade, as terras, as florestas, os rios, os animais, enfim, a natureza como um todo, representam um importante legado ancestral cujos saberes apontam para a constituição de outra proposta no que tange a relação entre os seres humanos e o planeta.

Neste contexto, tendo como objetivo preservar as vidas, humanas e não-humanas, é fundamental superar as relações de produção balizadas pelo mercado, pelo consumo, pela competição, pelo individualismo, pelo amplo e irrestrito domínio da natureza. Somente assim, parafraseando Krenak (2019), é possível constituir um conjunto de ideias, que ao serem colocadas em debate, podem contribuir para elaborar reflexões que orientem ações na direção de, talvez, adiar a destruição do mundo (Krenak, 2019).

Logo, vê-se na educação, não na educação em que o ensino e o aprendizado estejam embasados em epistemes amparadas no paradigma pedagógico dominante, enviesado pela opressora, e também arcaica, estrutura histórico-política metrópole/colônia (Freire, 1978), que destruiu e que ainda destrói a formação, impedindo-a de ser crítica e gerando uma futura mão de obra para postos de trabalho precarizados destinados ao capital (Souza, 2024).

Ao contrário, no presente texto acredita-se no potencial formador da educação e que quando a mesma se orienta por uma perspectiva política e pedagógica que prime pela **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 21, n. 1, p. 25-40, jan.-ago. 2026. ISSN 1980-556X (versão impressa) / e-ISSN 2447-6978 (versão on-line)

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

valorização da vida, apontando para uma relação entre a humanidade e a natureza a partir de patamares não exploratórios e que não visem ao domínio dos humanos sobre as demais formas de vida, (Krenak, 2022), essa mesma educação é capaz de contribuir para que as/os jovens estudantes se emancipem criticamente, conseguindo identificar as contradições do atual modo de produção, e assim, se posicionarem de forma anticapitalista.

Portanto, ainda que a presente época esteja marcada por inúmeras incertezas o momento exige de cada pessoa a importante decisão de coletivamente engajar-se contra o capitalismo, que sem pudor, devora o mundo. Ante ao que foi dito, toda e qualquer ação resulta de um amparo, de um alicerce dialético que representa as tensões e os diálogos com a teoria.

Sob essa lógica o texto materializa-se em um esforço coletivo de crítica ao capitalismo, sobretudo no que diz respeito ao seu histórico processo de destruição dos recursos naturais, logo, do planeta, que tem assombrado a humanidade gerando incertezas quanto a continuidade da vida no futuro.

Nessa perspectiva, vê-se nos conhecimentos desenvolvidos pelos povos originários, no que diz respeito a relação entre os seres humanos e a natureza, saberes pertinentes ao desenvolvimento de ações que possam conscientizar as pessoas de que o capitalismo precisa ser superado (Krenak, 2019, 2020a, 2020b, 2022). Para tanto, identifica-se na educação um veículo pedagógico propício a disseminar entre o público estudantil tais saberes, uma vez que é preciso insistir na preservação do planeta, logo, na manutenção da vida. Mas para isso, faz-se necessário que tal educação seja eminentemente anticapitalista.

## **SER HUMANO E NATUREZA: A EDUCAÇÃO NO CENTRO DESTA TENSA RELAÇÃO**

O modo de produção capitalista tem no consumo desenfreado de mercadorias e no acúmulo de capital uma das inúmeras características que orientam a sua estrutura econômica e sócio-política. Contudo, o nível de consumo ao qual a humanidade se encontra no presente tem se mostrado completamente danoso ao planeta de maneira a ameaçar a existência das diferentes formas de vida, sejam elas humanas ou não-humanas. Logo, como atribuído a Fredric Jameson e a Slavoj Žižek ambos citados por Fisher (2020), talvez se esteja mais próximo de visualizar a destruição do planeta do que a ruptura com o capitalismo. Veja-se:

Ao assistir *Filhos da Esperança*, é inevitável lembrar da frase atribuída a Fredric Jameson e Slavoj Žižek, de que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Esse slogan captura precisamente o que quero dizer por “realismo

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

capitalista”: o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa à ele. [...] Em *Filhos da Esperança*, o espaço público foi abandonado, dando lugar a amontoados de lixo e animais selvagens [...]. Os neoliberais, realistas capitalistas por excelência, celebram a destruição do espaço público, mas, contrariando suas expectativas oficiais, o Estado, em *Filhos da Esperança*, não é dissolvido, mas apenas reduzido às suas dimensões básicas: militares e policiais (Fisher, 2020, p. 10; grifos no original).

A citação acima, de Fisher (2020), é certa para ilustrar a discussão no texto, no que tange aos desafios e às dificuldades que se constituem na realidade, frente às possíveis mobilizações com vistas a destituir o capital do posto de modo de produção, que orienta as relações econômicas e sócio-políticas cotidianas. Ante a isto, tem-se materializado no presente uma espécie de ponto de vista ao qual não se é capaz de observar a curto, a médio ou a longo prazo alternativas de confronto ao capital. A esta perspectiva de mundo e de existência neoliberais, portanto, sombrias, Fisher (2020) denomina de realismo capitalista. Contudo, com vistas à manutenção da vida é preciso que as pessoas<sup>5</sup> se oponham ao capital, orientando-se socialmente por modos de vida – cultura, economia, política, etc. – que sejam anticapitalistas (Fraser, 2024).

[...] voltando-me ao nível político, sustento que a ecopolítica deve hoje transcender o “meramente ambiental”, tornando-se antissistêmica em todos os sentidos. Destacando o entrelaçamento do aquecimento global com outros componentes prementes de nossa crise geral, argumento que os movimentos verdes devem se tornar *transambientais*, posicionando-se como participantes de um bloco contra-hegemônico mais amplo, centrado no anticapitalismo, que pode, ao menos em princípio, salvar o planeta (Fraser, 2024, p. 126; grifos no original).

Ao diagnosticar-se que o presente está ameaçado, o que coloca em dúvida a existência das diversas formas de vida no planeta em um futuro próximo, e sabendo-se que é preciso frear o canibalismo capitalista (Fraser, 2024) – pelo fato da sua estrutura organizacional gerar modos de socialização cuja cultura, a produção, a economia e a política concentrarem-se no completo domínio da natureza<sup>6</sup> para a extração de matérias-primas e a criação de manufaturas, logo, de

<sup>5</sup> Indivíduo, sujeito, pessoa, ser humano, homem, etc., são compreendidos a partir da perspectiva marxiana do gênero humano. “Só será plena a emancipação humana quando o homem real e individual tiver em si o cidadão abstrato; quando como homem individual, na sua vida empírica, no trabalho e nas suas relações individuais, se tiver tornado um ser genérico; e quando tiver reconhecido e organizado as suas próprias forças [...] como forças sociais, de maneira a nunca mais separar de si esta força social como força política (Marx, 2006, p. 37; grifos no original).

<sup>6</sup> “A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, ou seja, a natureza na medida em que não é o próprio corpo humano. O homem vive da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é uma parte da natureza” (Marx, 2006, p. 116; grifos no original).

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

mercadorias – tem-se a compreensão de que tal tarefa se constitui em um difícil e árduo desafio que se coloca frente a história. Diante de tal contexto Souza (2024) diz que

Dessa forma, ao se apropriar privadamente dos meios de produção e separá-los da classe trabalhadora, as relações sociais determinadas pelo capital esvaziam o sentido genérico da atividade vital. Portanto, o modo de intercâmbio com a natureza mediado pelas condições e contradições do trabalho alienado do capital, empobrece a formação dos indivíduos singulares como seres pertencentes ao gênero humano. Visto que, os trabalhadores e trabalhadoras não se reconhecem nos produtos do seu trabalho. A riqueza humana, produto da atividade produtiva humana não pertence aos produtores diretos, ao contrário surgem diante dos trabalhadores como um poder externo (Souza, 2024, p. 117).

De acordo com Souza (2024), amparada pelo legado marxiano, identifica-se que o processo produtivo capitalista gera indivíduos que não se enxergam nas mercadorias que produzem a partir do seu próprio trabalho. Ao contrário a exploração da força de trabalho constitui sujeitos incapazes de pensar criticamente, mas, por outro lado, completamente aptos ao consumo<sup>7</sup>. Assim, a (de)formação humana oriunda do capital não possibilita às pessoas descobrirem que são incansavelmente exploradas, e muito menos visualizarem que o domínio da natureza por meio do processo produtivo representa a destruição das suas próprias existências. Desta forma, é necessário a busca por focos de resistência e possibilidades de rupturas contra o capital. Por isto cabe citar Kopenawa e Albert (2015). Veja-se:

Durante minhas viagens às distantes terras dos brancos, ouvi alguns deles declararem que nós, Yanomami, gostamos de guerra e passamos nosso tempo flechando uns aos outros. Porém os que dizem essas coisas não conhecem nada de nós e suas palavras só podem ser equivocadas ou mentirosas. [...] Não temos bombas que queimam todas as casas e seus moradores junto! [...] Alguns brancos chegaram até a afirmar que somos tão hostis entre nós que não podem nos deixar viver juntos na mesma terra! Mais outra grande mentira! [...] Só quer espalhar más palavras sobre nós porque precisa da ajuda delas para conseguir se apoderar de nossa terra. Mas não é pela beleza de suas árvores, animais e peixes que os brancos a desejam. Não. Eles não têm mais amizade pela floresta do que pelos seres que a habitam. O que querem mesmo é derrubá-la, para engordar seu gado e arrancar tudo o que podem tirar do seu chão (Kopenawa; Albert, 2015, p. 440).

Por mais que o diagnóstico da realidade seja desanimador frente as investidas do capital sobre o mundo, enveredar-se pelo pessimismo político mostra-se como a pior escolha uma vez que representa a desistência e o abandono da busca por alternativas que se movimentam contra o capitalismo, rompendo-se com o mesmo nas esferas da cultura, da economia e da política.

---

<sup>7</sup> “[...] os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Chamo a isso de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias” (Marx, 2023, p. 94).

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

Neste sentido, faz-se preciso retomar o pensamento crítico com o objetivo de alimentar as esperanças de que outro mundo é possível tal como na perspectiva de ancestralidade de Kopenawa e Albert (2015), apresentada na citação acima que historicamente se materializa na contramão, seja em sua crítica ou em sua prática, do modelo hegemônico ocidental, branco e cristão, de passado colonial, e posteriormente mercadológico, capitalista e industrial. A partir desta perspectiva é viável dialogar com Krenak (2019), porque tal como ele diz

[...] o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso [...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p. 16-17).

Neste aspecto, por meio da citação de Krenak (2019), identifica-se nos saberes e nos conhecimentos ancestrais dos povos originários e dentre eles os povos indígenas, e as suas diversas etnias, possibilidades de se estabelecerem relações com a natureza que não sejam balizadas pelo histórico processo de domínio que explora a força de trabalho e destrói as formas de vida humanas e não-humanas, gerando incertezas a respeito da manutenção dos recursos naturais no presente, logo, da existência em um breve futuro. Portanto, conforme Krenak (2020a):

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. Em vez de ficarmos pensando no organismo da Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos na vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. Assim como existem as palavras “vento”, “fogo”, “água”, as pessoas acham que pode haver a palavra “vida”, mas não. Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição (Krenak, 2020a, p. 15; grifos no original).

Ante ao que foi falado por Krenak (2020a), identifica-se que é preciso ter uma compreensão mais ampla, não pragmática e muito menos utilitarista do significado e do sentido da vida, não apenas em sua forma humana, mas também em suas outras formas de se materializar na realidade concreta tais como a água, as plantas, os insetos, os animais, as árvores, etc. Isto posto, se observa ser uma indispensável condição para que os humanos se compreendam enquanto pertencentes à natureza (Krenak, 2019).

Assim, tal fato torna-se singularmente relevante no que tange a constituir mecanismos culturais, sociológicos, econômicos, políticos, antropológicos, filosóficos, pedagógicos, éticos,

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

estéticos, etc., que visem não somente frear o capitalismo, porém, romper e liquidar com o referido sistema produtivo que ameaça a existência no mundo, bem como das inúmeras e das múltiplas formas de vidas no planeta. Deste modo, Krenak (2020b) chama a atenção para a seguinte questão:

Não sou um pregador do apocalipse, o que tento é compartilhar a mensagem de um outro mundo possível. [...] Michel Foucault tem uma obra fantástica, *Vigiar e punir*, na qual afirma que essa sociedade de mercado em que vivemos só considera o ser humano útil quando está produzindo. Com o avanço do capitalismo, foram criados os instrumentos de deixar viver e de fazer morrer: quando o indivíduo para de produzir, passa a ser uma despesa. Ou você produz as condições para se manter vivo ou produz as condições para morrer. [...] Desde muito tempo, a minha comunhão com tudo o que chamam de natureza é uma experiência que não vejo ser valorizada por muita gente que vive na cidade. Já vi pessoas ridicularizando: “ele conversa com árvore, abraça árvore, conversa com o rio, contempla a montanha”, como se isso fosse uma espécie de alienação. Essa é a minha experiência de vida. [...] Há muito tempo não programo atividades para “depois”. [...] Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã (Krenak, 2020b, p. 7-8; grifos no original).

Então, em sintonia com Krenak (2020b), entende-se que não só existe a viabilidade, mas é urgente que se constitua outro mundo, no qual a natureza não é dominada e a vida não seja destruída. Contudo, recorrendo mais uma vez a Fraser (2024), cabe mencionar que tal perspectiva somente será materializada por meio da constituição de paradigmas culturais, econômicos, do mundo produtivo do trabalho e sócio-políticos que se organizem e se orientem moralmente, eticamente e esteticamente por um norte que seja criticamente e radicalmente anticapitalista.

Aqui, cabe ressaltar, que tal mensagem pode ser pedagogicamente transmitida a partir de um processo de ensino-aprendizagem cuja educação é anticapitalista, posicionando-se contra todas as formas de controle e de domínio, e dentre eles os de origem colonial que em países tais como o Brasil, que foram colonizados, ainda mantém os resquícios das profundas marcas da racialização das pessoas. Portanto, é preciso educar contra esta perversa estrutura e contra este maléfico sistema. Sob esta ótica cabe citar Freire (1978), em sua experiência educacional em Guiné-Bissau, quando o autor diz que

Na verdade, a educação colonial herdada, de que um dos principais objetivos era a “desafricanização” dos nacionais, discriminadora, mediocrementemente verbalista, em nada poderia concorrer no sentido da reconstrução nacional, pois para isto não fora constituída. A escola colonial, a primária, a liceal, a técnica, está separada da anterior, antidemocrática nos seus objetivos, no seu conteúdo, nos seus métodos, divorciada da realidade do país, era, por isso mesmo, uma escola de poucos, para poucos e contra as grandes maiorias (Freire, 1978, p. 15; grifos no original).

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

Diante deste contexto, quanto ao aspecto pedagógico em problematizar a relação entre o ser humano e a natureza – e entre os próprios seres humanos consigo próprios, sensibilizando-os, logo, humanizando-os, uma vez que é preciso, também na educação e pela educação, superar os vestígios que ainda restam da racialização herdada do colonialismo europeu (Freire, 1978) – cabe ressaltar que esta tarefa não pode ser desenvolvida por um modelo educacional que não tenha rompido e nem superado a epistemologia didático-pedagógica do *status quo*, ou seja, alinhada com uma formação<sup>8</sup> para o mercado e para o consumo que propaga a falsa ideia e o ardiloso discurso da meritocracia que perversamente instaura a injusta, a desleal e a ideológica<sup>9</sup> disputa entre as pessoas. Nesta perspectiva, para educarem-se as jovens<sup>10</sup> gerações do presente e também do futuro, conforme Krenak (2022), é preciso que

As famílias ocidentais em contexto urbano supervalorizam o sistema de educação. São adultos que aderem a esse formato no qual as pessoas que chegam vão sendo inseridas no mundo. Antes de elas poderem escolher a experiência de se implicar no mundo num sentido coletivo, já são abordadas pela visão que os adultos têm dele. Um jovem de vinte anos já tem um mundo formatado dentro de si [...]. Educação não tem nada a ver com futuro, afinal ele é imaginário, e a educação é uma experiência que tem que ser real. Vamos considerar a partir daqui que, quando falamos de educação, já não a associamos ao futuro, mas ao aqui e agora. [...] A educação que conhecemos sempre teve o ímpeto de formatar as pessoas. [...] Para que a gente possa promover e facilitar uma experiência que inclui menos moldes e mais invenção, precisamos fazer uma revolução do ponto de vista da educação formal nas práticas estabelecidas (Krenak, 2022, p. 57-59).

Nesta lógica, segundo as considerações de Krenak (2022), por meio do trabalho educacional é possível materializar brechas humanizadoras capazes de instaurar uma espécie de resistência e ao mesmo tempo de esperança para que no presente já se consiga contemplar a constituição de mecanismos, ainda que estes, em um primeiro momento sejam didático-pedagógicos, por meio do processo de ensino e de aprendizagem educacional, que ousem apresentar-se e posicionar-se em forma de ruptura e contra o *status quo*.

E esta condição, faz-se questão de reforçar, é completamente propícia para que se possa visualizar – ainda que no campo da esperança – a materialização de um provável futuro, resultante da mobilização e do engajamento político, em que exista a possibilidade da

<sup>8</sup> “[...] consistiria justamente em pensar problemáticamente conceitos” (Adorno, 2012, p. 80).

<sup>9</sup> “A ideologia, em sentido estrito, dá-se onde regem relações de poder que não são intrinsecamente transparentes, mediatas e, nesse sentido, até atenuadas” (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 193).

<sup>10</sup> Jovens são indivíduos históricos pertencentes a fase da vida das juventudes. “A juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (Pais, 1990, p. 146).

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

manutenção das pluralidades de existências, humanas e não-humanas, em um processo sociocultural e político-econômico marcado pela horizontalidade das relações ao invés do típico e do devastador domínio oriundo do modo de produção capitalista.

Ante a esta perspectiva, o que se almeja é que as vidas permaneçam existindo em sua completa diversidade. Portanto, é para a vida que se deve educar, e não para a morte. Logo, cabe para o momento, no presente texto, recorrer ao popular, sábio, ancestral e atemporal conhecimento de Antônio Bispo dos Santos quando em entrevista concedida a Barbosa Neto, Silva e Lowande (2023), chamou a atenção para um importante e significativo fator relativo ao mundo no tempo presente, dizendo o que se segue. Veja-se:

Eu lembrei dessa história em uma mesa com o Ailton Krenak. Quando o Ailton Krenak fala em ideias para adiar o fim do mundo, não é o fim do mundo, é o fim de um mundo. São ideias para adiar o fim do nosso mundo. Vocês não sabem, mas eu e o Krenak já fizemos um combinado. Ele trabalha com as ideias para adiar o fim do nosso mundo e eu com as ideias para antecipar o fim do mundo colonialista. Ele gostou tanto que citou agora no livro dele: “o mundo cujo fim eu quero adiar não é o mundo desses canalhas, esse aí eu quero que acabe à meia noite” (Barbosa Neto; Silva; Lowande, 2023, p. 16; grifos no original).

Neste sentido, e recorrendo-se ao que fora proferido por Antônio Bispo dos Santos a Barbosa Neto, Silva e Lowande (2023), identifica-se uma espécie de interdependência dialética entre um mundo que precisa ser desconstruído e outro cuja destruição precisa ser imediatamente adiada porque até o momento a humanidade tem somente um mundo, materializado no planeta Terra, para habitar. Neste caso compreende-se que a desconstrução de um dos mundos e o adiamento da destruição do outro, sendo que ambos fazem parte da mesma unidade mundana, não se constituem em duas máximas que operam em completa oposição, mas, ao contrário, são uma espécie de concretização poético-metafórica de interdependência de duas categorias que operam segundo o mesmo movimento, sendo a dialética de resgate da existência.

Assim, acredita-se que ainda que por falas e por discursos que aparentemente, e reforça-se, unicamente pela aparência, tenham pontos de divergência entre si, Antônio Bispo dos Santos – em sua entrevista a Barbosa Neto, Silva e Lowande (2023) – e Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022) possuem os mesmos objetivos para a humanidade, quais sejam, a criação de um mundo em que todas as pessoas possam viver de forma digna e plena, sem qualquer forma de racialização herdada da colonização, e sob um paradigma produtivo cuja economia e o trabalho não visem dominar a natureza na complexa relação em que os indivíduos têm desenvolvido com a mesma, ao longo da histórica jornada humana no planeta.

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

Para tanto, em um novo modo de produção a relação entre os indivíduos e a natureza não deverá se balizar pelo domínio do primeiro ente sobre o segundo, ao contrário, será preciso estabelecer formas produtivas cujo paradigma considere enquanto importante ação o respeito aos diferentes ciclos e as diversas fases da natureza, condição *sine qua non* para a manutenção, a reprodução e a preservação das formas de vida não-humanas e também humanas. Eis um dos primeiros passos históricos e ontológicos dos seres humanos frente a reconstruir suas relações com o mundo, o que inclui integralmente a natureza e a sua completa diversidade.

Chegado a este ponto considera-se que o legado histórico, cultural, antropológico, sociológico, político, filosófico, ético, estético, pedagógico, etc. dos povos originários, sobretudo dos povos indígenas brasileiros<sup>11</sup>, no que se refere à relação entre os seres-humanos e a natureza, o que afeta diretamente as vidas humanas e não-humanas, logo, o planeta, para além de uma perspectiva de domínio e de consumo, apresenta-se enquanto conhecimento pertinente e pedagogicamente viável de ser tratado em sala de aula<sup>12</sup>.

E isso, com vistas a formação crítica dos estudantes para que possam estabelecer vínculos com os seus semelhantes e com as demais formas de vida, não-humanas, que se contraponham ao paradigma do domínio, do mercado, do consumo, ou seja, do capitalismo (Krenak, 2019, 2020a, 2020b, 2022), para que assim os recursos naturais sejam definitivamente preservados, uma vez que esse é um fator essencial para que a vida exista no planeta tanto no presente quanto no futuro. Portanto, é fundamental orientar-se por um viés epistemológico-filosófico, e também pedagógico, que investigue e compreenda a ação humana sobre o mundo,

---

<sup>11</sup> Sem desconsiderar a importância do legado histórico, étnico-racial e ancestral dos povos quilombolas, de negras e de negros, de afrobrasileiras e de afrobrasileiros na constituição dos múltiplos saberes nos diversos campos socioculturais, populares, políticos, estéticos, científicos, tecnológicos, religiosos, artísticos, literários, culinários, pedagógicos, acadêmicos, etc., na formação do Brasil, neste texto a discussão acerca dos saberes e legados e vice-versa inclinou-se para a contribuição indígena brasileira. E isto tendo-se em vista os objetivos do presente escrito que ao longo do mesmo se articularam com as especificidades epistemológicas, sociológicas, políticas, filosóficas, teóricas e bibliográficas apontadas nas discussões dos diferentes autores e das suas obras tais como Kopenawa e Albert (2015), e Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022). Ante a isto, cabe reforçar que tais autores contribuíram junto a estruturação do texto com reflexões e discussões que permitiram repensar criticamente a histórica e a contraditória relação entre os seres humanos e a natureza, marcada por tensões e pelo domínio do primeiro sobre o segundo, principalmente a partir do *moderno* e do industrial modo de produção capitalista que vem sendo capaz de instaurar ações predatórias contra a natureza – devido a produção de mercadorias para o consumo – nunca antes vistas pela humanidade. Desta forma, como destaca Fraser (2024), é que a manutenção das diversas vidas e do planeta passa por ações políticas e engajadas que sejam concretamente anticapitalistas.

<sup>12</sup> Indica-se o texto de Kopenawa e Albert (2015), e também de Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022), bem como o trato didático-pedagógico dos saberes presentes nos mesmos em aula, enquanto referências no debate anticapitalista acerca da relação entre os seres humanos e a natureza.

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

especificamente em sua intervenção sobre a natureza, a partir de um eixo anticapitalista (Fraser, 2024).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado a este ponto do texto, e a partir do que foi especificamente apresentado, amplamente discutido e pontualmente abordado ao longo do mesmo, visualizou-se que o tempo presente exige mudanças, sobretudo no que tange ao modo de produção que orienta a política, a economia e as relações comerciais e mercadológicas em escala global.

Mediante a este diagnóstico e em diálogo com Fisher (2020) foi possível identificar o quanto se faz difícil ao menos imaginar o fim do capitalismo, e isso a médio ou a longo prazo. E tal condição se mostra desta maneira pelo fato de que o referido modo de produção tem historicamente conseguido se reordenar sutilmente, tanto em sua infraestrutura socioprodutiva quanto em sua superestrutura discursivo-ideológica mesmo diante das crises políticas e econômicas que desencadeiam as lutas entre as distintas classes sociais em disputa pelas narrativas, logo, pela tomada da dianteira política e sociocultural do mundo.

Todavia, concordou-se com o pensamento de Fraser (2024) a respeito do fato de que a incansável sanha e a incontrolável fúria do capitalismo, pela absorção de recursos naturais de diferentes espécies e matizes para a fabricação de produtos manufaturados e envolvidos por uma espécie de mágica inebriante e fetichizada, condição *sine qua non* que alimenta o insaciável mercado consumidor, não só poderá como já está gerando uma crise sem precedentes na história do planeta.

Sendo assim, o voraz capitalismo canibal, (Fraser, 2024), precisa ser não somente freado, mas completamente superado por outro modo de produção que altere a relação entre os seres humanos e a natureza. Ante a isto, Fraser (2024) apontou algumas indicações que podem se apresentar enquanto importantes pistas tendo em vista o início de um processo que se materialize como antítese ao *status quo*, ou seja, ao que está posto no que tange a política, a economia, enfim, ao modo de produção que orienta a contraditória relação entre os humanos e a natureza.

Nesta perspectiva, toda e qualquer iniciativa que tenha em vista resgatar o planeta da sua autodestruição, provocado pelo consumo desenfreado dos recursos naturais/matérias primas ocasionado pelo capital, e assim, preservar as diversidades de vidas que habitam o mundo, sendo humanas ou não-humanas, deve ter em seu cerne histórico, teórico, político, sociológico, **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 21, n. 1, p. 25-40, jan.-ago. 2026. ISSN 1980-556X (versão impressa) / e-ISSN 2447-6978 (versão on-line)

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

epistemológico, argumentativo, pedagógico, cultural, ético, estético, etc., princípios organizativos e perspectivas de horizonte que sejam anticapitalistas (Fraser, 2024).

É neste sentido, e em diálogo com o ponto de vista anticapitalista de Fraser (2024), que ao se pensar na urgente necessidade de rever a forma pela qual a natureza vem sendo apropriada pelos seres humanos, ou seja, por meio do paradigma do completo domínio da mesma para absorção dos seus recursos, perspectiva mercadológica cujo centro do seu viés se encontra no capitalismo, é que ao longo do texto chamou-se à atenção para o relevante ponto de vista e a importante contribuição que os povos originários apresentam para que os diferentes grupos, seja no meio urbano ou rural, reconstruam suas relações com a terra, com os rios, com a mata, com os animais, enfim, com a natureza como um todo.

Sob este ponto de vista, e por meio da contribuição de Kopenawa e Albert (2015) e também de Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022), foi identificado nos conhecimentos tradicionais e ancestrais dos povos originários formas alternativas de se relacionar com a natureza que se contrapõe ao que historicamente o capitalismo tem oferecido, e proposto enquanto via de relação entre os seres humanos e os recursos naturais, sendo que, de acordo com este modo de produção a tarefa dos primeiros é dominar, utilizar e consumir os segundos para a satisfação dos próprios desejos.

Contudo, a partir dos autores citados anteriormente, sobretudo Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022), além de ser possível reorientar a relação entre os seres humanos e o uso dos recursos naturais, de forma a que tal relação seja mediada por meio de uma sensibilidade que permita a escuta da natureza e dos sinais, marcas e indicativos que ela deixa para a humanidade, a respeito das mudanças pelas quais passa no decorrer histórico de ciclos temporais de curta, de média e de longa duração, nem ela, a natureza, possui recursos o suficiente para atender o nível de consumismo ao qual a humanidade chegou. E muito menos o planeta está preparado para suportar o presente estágio devorador do mercado, logo, do capitalismo.

Portanto, se de um lado há um planeta que necessita urgentemente ser salvo, como assevera Fraser (2024), e também contribui Krenak (2019) ao mencionar que é preciso somar esforços para tentar adiar o fim do mundo, por outro lado existe ainda uma espécie de mundo, ou dito de outra forma, uma perspectiva de ideia de mundo, que se materializa no *status quo* de matiz arquitetural arcaica e exploratória, cujos resquícios de dominação ainda se encontram no colonialismo.

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

Logo, se o primeiro mundo precisa ser salvo, e Krenak (2019) aponta para a importância dessa ação, Antônio Bispo dos Santos em entrevista concedida à Barbosa Neto, Silva e Lowande (2023), disse em alto e bom som que o segundo mundo, sustentado pelas ideias coloniais, precisa ser urgentemente desestruturado, ou pra ser mais direto, precisa cessar, chegar ao fim o quanto antes.

Para tanto, como apresentado no texto a educação se configura em um espaço destituído de neutralidade política, epistemológica e pedagógica fato que a torna um campo em disputa. Neste sentido, é preciso posicionar-se, e a favor de uma perspectiva político-pedagógica de escola, cujo viés educacional aponta para um processo de ensino e de aprendizagem que permita aos jovens estudantes o acesso a uma formação crítica capaz de auxiliá-los a desvelar as contradições do mundo, oriundas do atual modo de produção que orienta a política e a economia, e destrói a natureza devido a busca por satisfazer a produtividade do mercado.

Uma educação orientada sob tal perspectiva não se conforma com o presente em que o *status quo* está amplamente marcado pela insígnia do capitalismo, rompe com as pedagogias que ainda guardam resquícios da época colonial, (Freire, 1978), e questiona o engodo da (de)formação precarizada e oriunda do capital (Souza, 2024).

Somente assim, ou seja, a partir de uma educação crítica e pedagogicamente engajada contra o capital é que se poderá contribuir com a formação autônoma e emancipada da geração do presente, ensinando à mesma os relevantes saberes ancestrais dos povos indígenas no que se refere não apenas a repensar, mas também rearticular a relação entre os humanos e a natureza. Portanto, considera-se que por meio da educação outros valores, no que tange a escuta da natureza, (Krenak, 2022), poderão ser ministrados as/aos estudantes com vistas a que estes apreendam os conhecimentos cujo cerne ancestral, (Krenak, 2019, 2020a, 2020b, 2022), e anticapitalista, (Fraser, 2024), permitam contribuir para a constituição de ações que visem manter a existência do planeta e preservar as vidas, humanas e não-humanas. Em prol das vidas, é preciso superar o capitalismo urgentemente!

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação.** Trad. Wolfgang Leo Maar. 7 reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos da sociologia.** Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

**Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 21, n. 1, p. 25-40, jan.-ago. 2026. ISSN 1980-556X (versão impressa) / e-ISSN 2447-6978 (versão on-line)

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

BARBOSA NETO, Edgar Rodrigues; SILVA, Natalino Neves da; LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo. Entrevista “Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo). **PerCursos**, Florianópolis, v. 24, p. e0601, 2023. DOI: 10.5965/19847246242023e0601. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/24544>. Acesso em: 16 set. 2025.

BELÉM; SILVA, Hugo Leonardo Fonseca da; SOUZA, Sherry Max de (org.). **O materialismo histórico dialético e a pesquisa científica.** Marília: Lutas Anticapital, 2024. p. 111-129.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista:** é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Trad. Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. Coord. Manuela Beloni, Cauê Ameni. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FRASER, Nancy. **Capitalismo canibal:** como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau:** registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Digitalizado.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** Pesquisa e Organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a. Digitalizado.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020b. Digitalizado.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** Pesquisa e Organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Digitalizado.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Trad. Alex Marins. 2 reimp. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor).

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política – livro 1, Trad. Reginaldo Sant’Anna. 40. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), p. 139-165. Disponível em: <https://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 06 set 2025.

LIMA, Marco Antônio Oliveira; CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva; MOURA, Tatiana Maria de; MARTINS, Lucinéia Scremin. **EDUCAÇÃO: “TERRENO FÉRTIL” NA RESISTÊNCIA CONTRA O CAPITALISMO.**

SOUZA, Nathália Cardoso de. Do caráter ontológico à precarização do trabalho: desdobramentos sobre a formação dos trabalhadores. In: MASCARENHAS, Angela Cristina